

O PSICÓLOGO ATUANDO JUNTO À CRIANÇA HOSPITALIZADA

Darcilene de Araujo Mesquita¹ | Edseany Pereira da Silva¹ | José Rodrigues Rocha Júnior²

Psicologia



ISSN IMPRESSO 2316-6738
ISSN ELETRÔNICO 2317-1685

RESUMO

A psicologia no contexto hospitalar é mais uma das áreas de atuação do psicólogo. O psicólogo ao se inserir no contexto hospitalar deve tornar-se acessível aos pacientes, aos seus familiares e/ou responsáveis, favorecendo um trabalho interdisciplinar junto à equipe de saúde, oferecendo e desenvolvendo atendimento e atividades em diferentes níveis de tratamento, tendo como foco o acompanhamento e a avaliação dos processos psíquicos do paciente que tem que enfrentar um procedimento médico, visando a promoção e recuperação em nível biopsicossocioespíritoambiental. Este artigo discute algumas questões a cerca das implicações da atuação do psicólogo junto à criança hospitalizada, os objetivos e as características dessa atuação. Com isso, espera-se enriquecer a compreensão da prática do psicólogo hospitalar, especialmente na hospitalização infantil, a fim de prevenir e tratar os problemas psicológicos relacionados ao processo de hospitalização.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicologia Hospitalar. Atuação Psicológica. Criança Hospitalizada.

Psychology in the hospital context is one more of the psychologist's actuation area. The psychologist in the hospital context should become accessible to patients, their family and/or guardians promoting interdisciplinary work with the health team by offering and developing services and activities at different levels of treatment, focusing on monitoring and evaluation of the mental processes of the patient who has to face a medical procedure. This article discusses some issues about the problems of psychologist's performance with hospitalized children, the aims and characteristics of this work. Hence, expected to provide the knowledge of the practice of hospital psychologist, especially in the healthcare environment to prevent and treat the psychological problems related to the hospitalization process.

KEYWORDS

Hospital Psychology. Psychological Performance. Hospitalized Children.

1 INTRODUÇÃO

A Psicologia Hospitalar é mais uma das áreas de atuação da psicologia. Ela atua em instituições de saúde, com um atendimento a nível secundário e a nível terciário da atenção à saúde. Este artigo tem por objetivo conhecer as práticas da psicologia hospitalar, especialmente na hospitalização infantil, a fim de identificar os problemas psicológicos causados pelo processo de hospitalização, focando as prevenções e tratamentos das crianças hospitalizadas.

Ao se submeter falar sobre a história da psicologia hospitalar necessariamente implica citar os nomes de profissionais como Mathilde Neder e Belkiss Romano Lamosa. Logo, de acordo com Camon (2009, p. 3), "Falar de Mathilde Neder e Belkiss Romano Lamosa, sem demérito a tantos profissionais que arduamente militam na área, é evocar os rumos da Psicologia Hospitalar." Por se tratar da relação que ambas tiveram com o pioneirismo e expansionismo das atividades da referida área da Psicologia.

Ao relatar acerca do passado, presente e perspectivas da psicologia hospitalar, Camon (2009) aponta algumas datas como marcos históricos de seu início e evolução, mas destacaremos apenas algumas como:

No ano de 1954, Mathilde Neder, atuando na Clínica Ortopédica e Traumatológica do Hospital das Clínicas da USP (Universidade de São Paulo), deu início a psicologia hospitalar no Brasil, atualmente Instituto de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP. Mathilde Neder foi convidada para preparar psicologicamente os pacientes que se submeteriam a cirurgias de coluna, assim como a recuperação pós-cirúrgica. Preconizou a Psicoterapia Breve, uma técnica que visava agilidade nesses atendimentos no sentido de adequá-los à realidade institucional;

Já em 1957, Mathilde Neder ao se transferir para o Instituto Nacional de Reabilitação da USP, atual divisão de Reabilitação do Hospital das Clínicas da USP, melhora o dimensionamento das atividades antes realizadas numa conferência em 28 de novembro de 1959. De acordo Rocha (2004), em 1958, a Psicóloga Sônia Letaif iniciou suas atividades psicológicas na Clínica Psiquiátrica, hoje Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Facul-

dade de Medicina da USP. Deste período em diante surgem também atividades psicológicas nas Clínicas de Higiene Mental e Clínica Otorrinolaringológica, ambas ligadas ao Hospital das Clínicas, da mesma faculdade da USP.

Segundo Gorayebe (2001), a década de 1960 foi quando os primeiros psicólogos começaram a atuar em hospitais, com base na atuação clínica ou psicometrista, e trabalhando muitas vezes como auxiliar dos psiquiatras, sem participar ativamente do atendimento ao paciente.

Ainda na história da Psicologia Hospitalar, Rocha (2004) cita alguns dados históricos que relatam atuações dos primeiros psicólogos em hospitais, como:

Em 1974, é criado o Serviço de Psicologia da Divisão de Reabilitação Profissional do Hospital das Clínicas sob a direção de Neder, e, sob a direção de Belkiss W. R. Lamosa, o Serviço de Psicologia do Instituto do Coração;

Em 1977 acontece a implantação do Serviço de Psicologia do Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, onde Lamosa iniciou um trabalho aberto à população em geral;

Em 1979, surge em Brasília, com Regina D'Aquino, no Instituto Transpessoal, um trabalho com a família e a equipe médica junto ao paciente terminal. [...] Nesse mesmo ano, Wilma Torres inicia o Programa de Estudos e Pesquisas em Tanatologia no Instituto Superior de Estudos e Pesquisas da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro;

Em 1981, o Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo oferece aos alunos graduados em Psicologia, o curso de Especialização em Psicologia Hospitalar, sob a responsabilidade de Angerami-Camon.

De acordo com Sebastiani (2005), pesquisas apontam o Brasil como o precursor mundial da Psicologia Hospitalar, uma nova especialidade que utiliza os conhecimentos da Psicologia para aplicá-los nos processos doença-internação-tratamento, os quais relacionam: paciente-família-equipe de saúde e utiliza teorias e técnicas específicas para a atenção às pessoas hospitalizadas com demandas psicológicas ligadas a tais processos, como também as reações que podem agravar o problema do paciente ou dificultar o processo de recuperação.

2 DISCUSSÃO

A partir dos atendimentos realizados por Mathilde Neder, muitos profissionais desenvolveram, e desenvolvem até hoje, atividades psicológicas em hospitais. De acordo com os conceitos que serão citados abaixo, ao que refere à atuação do psicólogo nas unidades hospitalares, não é uma tarefa muito fácil de pensar tendo em vista que ele atende não só aos pacientes, como também a família e/ou responsáveis do mesmo, os membros da equipe multidisciplinar e administrativa do hospital, porém tudo visando o bem estar do paciente.

De acordo com Rocha (2004), a Psicologia Hospitalar pode ser conceituada “[...] como uma prática cujo instrumental teórico de atuação, embora baseado na área clínica, mante-

92 | nha uma característica singular pelo fato de se desenvolver no âmbito institucional, levando em consideração os fatores inerentes a este espaço”.

Alfredo Simonetti [...], conceitua a Psicologia Hospitalar como o campo de entendimento e tratamento de aspectos psicológicos atrelados ao adoecimento. Ele define um aspecto psicológico como as manifestações subjetivas da doença, que são as crenças, os sonhos, os conflitos, as lembranças e os pensamentos. Ou seja, parafraseando o próprio autor, a doença não fala, o doente sim. (PINTO, F. E. M., 2005, p. ?).

Não podemos pensar que o médico é o único responsável pela cura de um paciente hospitalizado, existe todo um contexto que o envolve, tais como: sua história de vida, contexto social, comunidade em que habita, estrutura familiar e financeira, o relacionamento médico-paciente, médico-família, paciente-família, paciente-equipe de saúde, paciente-família-equipe de saúde. Todos fazem parte do processo de cura do paciente, por isso, não podemos enquanto psicólogos promotores de saúde limitar-se ao hospital ou a métodos engessados do fazer psicológico. Olhar o paciente com uma perspectiva global de ser torna-se um grande desafio às mudanças de filosofias e paradigmas reducionistas, onde o médico é o que medica, o paciente obedece e fica curado e o psicólogo o faz aceitar seu estado atual de ser paciente.

Fazer uma psicologia que ultrapasse esse paradigma biomédico supracitado, trazer para o tratamento a história de vida e doença do paciente para entendê-lo, possibilitar que ele seja parte efetiva do seu processo de cura, trazer a família, cuidadores, equipe de saúde como colaboradores do processo de cura do paciente, é entendê-lo como um ser biopsiossocial, considerando, também, fatores espirituais e ambientais.

É fundamental que em sua atuação o psicólogo não tenha por foco os diagnósticos das mais variadas doenças que lhe apresentarão, mas sim o que a doença representa simbolicamente para cada paciente. Isso vale tanto para os pacientes adultos quanto para os infantis.

3 ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NA HOSPITALIZAÇÃO INFANTIL

Segundo Baptista (2010) a infância no processo de hospitalização vai de zero a dezoito anos, sendo dividida em quatro etapas: até três anos, dos três aos cinco anos, dos seis aos quatorze anos e dos quinze aos dezoito, um período de grande desenvolvimento físico, onde o ser humano desenvolve-se psicologicamente.

Independente da idade, Mondardo (1997) citado por Baptista (2010) afirma que “A hospitalização é uma experiência que não passa desapecebida para o paciente [...]. E quando o assunto é criança, [...] a doença e o processo de hospitalização podem comprometer sua integridade física e seu desenvolvimento mental.” Por isso é de vital importância o psicólogo ficar atento as variáveis psicológicas da criança hospitalizada, como também da família, a fim de prevenir transtornos que comprometam o bom desenvolvimento do quadro clínico.

Vale salientar que como se trata de hospitalização infantil o psicólogo deve se pre-

ocupar tanto com a adoção de modelos teóricos apropriados para essa demanda, como manter, mesmo no hospital, as características do universo infantil e propostas de atividades voltadas à criança.

Brincar no hospital tem efeitos positivos sobre a criança hospitalizada, o que se torna essencial no tratamento. Visando esse aspecto Motta e Enumo (2004, p. 20) afirmam que, "O brinquedo também pode ser utilizado de forma específica, [...], com a função de alegrar o ambiente e amenizar as sensações desagradáveis da hospitalização, humanizando o contexto hospitalar".

Quando uma criança ou adolescente sofre uma internação hospitalar, há uma modificação no seu curso de desenvolvimento e na sua forma de ver o mundo. A internação promove uma série de alterações na rotina e na vida da criança, do adolescente e dos seus familiares. Para assisti-los, faz-se necessária uma atuação que busque diminuir os efeitos da doença e do seu tratamento, pois, muitas vezes, eles acometem às crianças e aos adolescentes de forma global. (PAULA; FOLTRAN S/D).

Dessa forma fica evidenciado que uma criança ou um adolescente hospitalizado ao brincar há possibilidades deles terem momentos de distração e, conseqüentemente, se divertirem proporcionando-lhes mudança de rotina. E apesar do trabalho com brinquedotecas nos hospitais ser algo atual, já é percebido como necessário para o bem estar de crianças e de adolescentes hospitalizados.

4 CARACTERÍSTICAS DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO JUNTO À CRIANÇA

Quando se refere a atuação, Romano (1999) *apud* Baptista (2010, p. 180) diz que "o psicólogo no ambiente hospitalar deve ser um observador qualificado, além de ser intérprete flexível dos anseios do paciente e da sua família e das normas da instituição, sendo encarado como um agente de transformação no processo reabilitação." Baseando-se nessa característica da atuação o psicólogo no ambiente hospitalar, precisa cada vez mais melhorar os procedimentos voltados para o público infantil, pois levando em consideração o que foi pontuado por Altamira, observa-se que são muitos os desafios que esse público enfrenta ao ser hospitalizado, ela afirma que:

[...], entende-se que a criança ao ser hospitalizada passa por diversos desafios, que até então eram desconhecidos por ela, podendo estes influenciar diretamente no seu desenvolvimento. Dentre os principais, estão o afastamento do seu ambiente (lar), o afastamento dos pais, dos objetos de estimação, a tensão emocional, o medo de ser abandonada, o medo de perder o pai ou o afeto deles, o ambiente hostil do hospital, e inúmeras experiências, que não sendo bem direcionadas, repercutirão de forma negativa na sua experiência de hospitalização. (ALTAMIRA, 2010).

No procedimento com criança o psicólogo precisa ser concreto, porém é necessário que haja um prévio conhecimento de como essa criança elabora os acontecimentos nesse novo ambiente, que é o hospital, a fim de evitar fatores que desencadeiem reações nega-

94 | tivas, como por exemplo, a prolongação da internação pela não aceitação do tratamento estabelecido, em que paciente e a própria família do mesmo acaba atribuindo um valor simbólico não previsto pela equipe médica.

Nesses casos se faz necessário a atuação do psicólogo, o qual deve considerar que, “[...] o paciente hospitalizado não é semelhante ao cliente de consultório, visto que não procurou o psicólogo por demanda espontânea e não apresenta quadros clássicos de psicopatologia. [...]” (GORAYEB, 2001, p. ?), tem uma demanda psicológica específica.

5 OBJETIVOS DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO JUNTO À CRIANÇA

Para Batista (2010), o atendimento psicológico nos hospitais tem por objetivo a promoção do bem estar biopsicossocial, hoje considerando outros aspectos foi ampliado para biopsicossocioespirituambiental, dos pacientes e familiares dos mesmo, e para isso deve-se trabalhar de forma integrada com os demais profissionais de saúde, num enfoque interdisciplinar. Ao se tratar da atuação junto à hospitalização infantil, Altamira (2010, p. ?) diz que o objetivo é “[...] minimizar o sofrimento das crianças no contexto hospitalar e favorecer um ambiente menos hostil, independentemente do tempo e da doença que as levaram à internação”.

Tendo em vista que o paciente, a criança em especial pelo fato de ainda estar desenvolvendo seu repertório de experiência, precisa de apoio para enfrentar possíveis efeitos negativos relacionados à eventos traumáticos, ao sentimento de insegurança, a falta de ajuda, de medo intenso e de ansiedade decorrentes da hospitalização, “O trabalho produzido junto a crianças hospitalizadas fornece visivelmente uma postura de mudança no tocante aos aspectos de saúde e doença, trazendo um novo paradigma no acompanhamento ao infante enfermo” (ALTAMIRA, 2010, p. 10).

Quando o processo de internação está voltado à criança, o psicólogo hospitalar deve sempre ter por objetivo desenvolver técnicas de atendimento que traga esse paciente para o tratamento de uma forma lúdica, e nunca esquecer que atender criança no ambiente hospitalar requer atividades e ambientes diferentes como: brinquedoteca, o leito deverá ser decorado de forma que não produza tristeza, com cores frias, alegres e tranquilizantes, e não apenas minimizar o sofrimento como aponta Altamira baseado em Camom, pois de acordo com Cunha (2004, p. 14) “[...] algumas cores atraem, outras repelem – isso quando a cor utilizada não for apropriada àquele espaço – podendo, também, transmitir sensações de calor ou de frio, agitar ou inibir as pessoas.” Portanto, o psicólogo precisa estar atento para cada detalhe que possa favorecer a cura do paciente infantil.

6 CONCLUSÃO

As implicações psicológicas relacionadas à internação da criança e do adolescente podem ser tão variadas, como tão diversas são as formas de intervenções que o psicólogo hospitalar pode desenvolver junto a esses pacientes. Para isso, o psicólogo deve estar treinado para lidar com situações muito complexas, que envolvam o bem estar psicológico não só da criança, mas também de todos os que o rodeiam.

Nesse artigo, mesmo que de forma sintetizada, fica evidente que duas das tarefas

fundamentais do psicólogo são participar da cura e ajudar a melhorar o bem estar e a qualidade de vida do paciente e de sua família, considerando a saúde um conceito multidimensional que envolve os aspectos biológicos, psicológicos, sociais, espirituais e ambientais.

As demandas que envolvem a atuação do psicólogo junto à criança hospitalizada, perpassam por sua formação. Ao se inserir no contexto hospitalar ele deve favorecer um trabalho interdisciplinar junto à equipe de saúde, e nessa ação de facilitar a comunicação da equipe com o paciente se faz necessário o entendimento de que cada ser humano tem sua própria identidade.

Fazer Psicologia no ambiente hospitalar é olhar para tudo que envolve o paciente inclusive seus direitos, suas representações e simbologias, é trazer para o processo de cura todos e tudo que está a sua volta, tendo como foco o acompanhamento e a avaliação dos processos psíquicos do paciente que tem que enfrentar um procedimento médico, e não apenas minimizar o sofrimento deste paciente, pois nossa meta enquanto profissionais da saúde é a promoção e recuperação em nível biopsicossocioespirituambiental.

Considerando que o conceito de doença, para crianças, passa por um processo evolutivo que está mais diretamente relacionado ao seu nível de desenvolvimento cognitivo, em que o hospital, muitas vezes, traz experiências negativas que afetam seu desenvolvimento físico e psicológico, caracterizaríamos como desafiante a atuação do psicólogo junto a essas crianças hospitalizadas. Porém, não descartaríamos a importância dessa atuação, pois a fazendo com dedicação e ética o psicólogo, como membro da equipe de saúde, estará participando do processo de cura, podendo proporcionar lembranças agradáveis por toda a vida da pessoa hospitalizada.

REFERÊNCIAS

ALTAMIRA, Lorena L. **A criança hospitalizada**: um estudo sobre a atuação do Psicólogo Hospitalar. Monografia apresentada ao curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Arcos/MG 2010. Publicado em 07/01/2011. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/56348/1/A-crianca-hospitalizada-um-estudo-sobre-a-atuacao-do-psicologo-hospitalar/pagina1.html>>. Acesso em: 12 maio 2011.

ANGERAMI-CARMON, V. A.(org.); NICOLETTI, E. A. e CHIATTONE, H. B. De C. **O docente, a psicologia e o hospital**. São Paulo: Cinge Learning, 2009.

BAPTISTA, M. N. e DIAS, R. R. **Psicologia Hospitalar**: teoria, aplicações e casos clínicos. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

CUNHA, Luiz Cláudio Rezende **A cor no ambiente hospitalar**. Anais do I Congresso Nacional da ABDEH – IV Seminário de Engenharia Clínica – 2004.

GORAYEB, Ricardo. **A prática da psicologia hospitalar**. Psicologia Clínica e da Saúde – Organização: Maria Luiza Marinho e Vicente E. Caballo – UEL – Granada: APICSA, 2001 – p. 263-278.

MOTTA, Alessandra Brunoro e ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Brincar no Hospital: estratégia de enfrentamento da hospitalização infantil. **Psicologia em Estudo**, aringá, v. 9, n. 1, p. 19-28, 2004

96 | PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de, e FOLTRAN, Elenice Parise. **Brinquedoteca Hospitalar**: direito das crianças e adolescentes hospitalizados. S/d.

PIRES, Ana Cláudia Tolentino e BRAGA, Tânia Moron Saes. O psicólogo na saúde pública: formação e inserção profissional. **Temas em Psicologia** – 2009. Vol. 17 n. 1. Número especial: História da Psicologia. Disponível em: <<http://www.sbponline.org.br/revista2/vol17n1/v17n1a13t.htm>>. Acesso em: 12 maio 2011.

ROCHA JÚNIOR, J. R. **Psicohansenologia**: Um estudo psicológico da hanseníase – estress, medo, estigma e crença em pacientes e equipes de saúde em São Luís do Maranhão. Tese. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

SEBASTIANI, R. W. e MAIA, E. M. C. **Contribuições da psicologia da saúde-hospitalar na atenção ao paciente cirúrgico**. Acta Cirúrgica Brasileira. São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-86502005000700010>. Acesso em: 12 maio 2011.

SIMONETTI, Alfredo. Manual de psicologia hospitalar – o mapa da doença. Obra resenhada. Casa do Psicólogo. São Paulo. 2004 in: PINTO, F. E. M. RESENHA: **Manual de psicologia hospitalar**. Psicologia: Teoria e Prática. vol 7.2005. Acesso em: 12 maio 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-36872005000200009&script=sci_arttext

Recebido em: 25 de fevereiro de 2013

Avaliado em: 4 de março de 2013

Aceito em: 4 de março de 2013

1 Acadêmicas do 10º período do curso de Psicologia da Faculdade Integrada Tiadentes- FITS

2 Doutor em Psicologia e Professor Titular do Curso de Psicologia da Faculdade Integrada Tiradentes.